

A MESOPOTÂMIA EM SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO SOBRE A AMIZADE

MESOPOTAMIA IN THE CLASSROOM: A REFLECTION ON FRIENDSHIP

Katia Maria Paim Pozzer¹ 0000-0002-6905-0570

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil -
katia.pozzer@ufrgs.br

Resumo:

Pretende-se compartilhar o conhecimento da história e da literatura do mundo antigo oriental, enquanto integrantes da história universal e da própria história dos alunos hoje, através da reflexão sobre a amizade. A atividade tem como objetivo apresentar a Epopeia de Gilgameš e discutir a construção de identidades e alteridades e, com isso desconstruir preconceitos.

Palavras-chave: Mesopotâmia; Epopeia de Gilgameš; Amizade; Identidade.

Abstract:

It is intended to share the knowledge of the history and literature of the ancient oriental world, as part of the universal history and of the history of the students today, through the reflection on friendship. The activity aims to present the Epic of Gilgameš and discuss the construction of identities and alterities and, with that, deconstruct prejudices.

Keywords: Mesopotamia; Epic of Gilgameš; Friendship; Identity.

Introdução

A presente contribuição foi elaborada a partir da oficina que realizei no I Encontro do Grupo de Estudos de História Antiga e Medieval da ANPUH da Bahia, em 2023 e visa documentar, por escrito, aquela experiência e possibilitar sua reprodução e adaptação nos diversos níveis educacionais no país. Assim, muito mais do que uma proposta rígida e estruturada, trago aqui, um relato de experiência de uso de textos literários mesopotâmicos em sala de aula, com possibilidade de emprego em atividades didáticas, com caráter transdisciplinar, articulando conhecimentos de História, Geografia, Ciências, Artes, Filosofia, entre outras.

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

A oficina teve por título **Epopéia de Gilgameš - História, Literatura e Afetividade: onde passado e presente se encontram** e se baseou na discussão de trechos deste fabuloso documento que possui traduções em língua portuguesa e uma belíssima adaptação para literatura infanto-juvenil pela Editora Projeto que foi a base de nosso trabalho.

Iniciei a apresentação com informações sobre o poema, diferentes traduções e versões e, na sequência, realizei uma contextualização histórica da Mesopotâmia, a terra entre rios, o cenário desta maravilhosa aventura.

No I milênio aEC, os babilônicos¹ criaram uma composição poética, de caráter épico, conhecida como a Epopeia de Gilgameš, cujo valor literário pode ser equiparado às grandes obras memoráveis conhecidas e sem paralelos no Oriente Antigo. Dos inúmeros fragmentos encontrados foram identificados entre 2500 e 3000 versos, distribuídos em onze tabletas cuneiformes, que comporiam a versão mais longa e mais completa desta obra literária. Esta vigorosa disseminação da epopeia se deve, em grande parte, à potência do império assírio que conquistou e dominou enormes extensões territoriais, impondo seu poder político e militar, mas também divulgando sua cultura.

Jean Bottéro, um dos grandes tradutores da epopeia para línguas modernas (no caso o francês), sugere que esta unificação literária foi obra de um "editor" ou revisor. Em uma espécie de catálogo bibliográfico, datado do início do I milênio aEC, contendo os títulos das obras literárias e seus possíveis autores (reais ou imaginários), aparece a menção de que a "série de Gilgameš" era atribuída à "Sînleqe'unnemi, o exorcista", uma espécie de grande intelectual de sua época (BOTTÉRO, 1992, p. 51). Sua versão da Epopeia de Gilgameš é considerada clássica e definitiva. O texto, com 2.000 linhas, está organizado em onze tabletas cuneiformes, subdivididos em unidades de narrativa, semelhante aos cantos da *Ilíada* e da *Odisseia*².

Segundo Emanuel Bouzon (1998, p. 125), o grande assiriólogo brasileiro³, a epopeia se configura em: “uma fonte historiográfica de valor inestimável para o estudo das ideias e das concepções do homem da Baixa Mesopotâmia desde o III milênio aEC., quando apareceram os primeiros textos sumérios da saga de Gilgameš.” Para mim, a

¹ Povo habitante da região central da antiga Mesopotâmia.

² Grandes obras da literatura grega atribuídas a Homero e que provêm da tradição oral.

³ Pozzer, Katia. Emanuel Bouzon: um assiriólogo brasileiro, In: MOERBERCK, G.; FRIZZO, F. Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil. Serra: Milfontes, 2023, v.1, p. 53-72.

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

Epopeia de Gilgamesh está para a cultura antiga oriental, assim como a Odisseia está para a cultura grega antiga, isto é, uma obra essencial, não só por sua qualidade literária, mas pela capacidade de revelação histórica da civilização mesopotâmica.

Mais recentemente temos a tradução para o português feita pelo Professor Jacyntho Brandão nomeada “Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh”, onde ele apresenta a versão ninivita completa (2018) e uma vasta bibliografia sobre o tema.

Contexto histórico e geográfico da Mesopotâmia

Gilgamesh foi a personagem central da epopeia, mas também se acredita que tenha tido existência histórica, podendo ter sido rei da I dinastia de Uruk (2750-2600 aEC), pois segundo a lista dos reis suméria ele foi o quinto rei desta linhagem na cidade de Uruk e é descrito como filho do rei Lugalbanda e da deusa Ninsum. Ao longo do II e do I milênio aEC, diferentes versões da Epopeia de Gilgamesh foram produzidas, com maior número de exemplares e fragmentos disseminados por toda a Mesopotâmia.

A mais importante descoberta arqueológica relacionada ao documento foi a escavação, no século XIX, da Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, uma das capitais do império assírio (fig. 1). A biblioteca real atualmente está conservada no Museu Britânico, em Londres, conta com cerca de 30.000 tabletas e estima-se que possuísse mais de 5.000 obras. Ela foi constituída pela apropriação das bibliotecas existentes nas antigas capitais assírias, Kalhu e Assur. Outra parte importante foi confiscada em Babilônia, de cerca de 23 bibliotecas, com 2.300 obras.

Figura 1 - Mapa do Antigo Oriente Próximo



Fonte: adaptado de COLLINS (2008, p. 21).

A composição da Epopeia

Apresento aqui um breve resumos dos dozes tabletes baseados, essencialmente em estudos anteriores (BOUZON, 1998; BOTTÉRO, 1992; POZZER, 2014). O primeiro tablete apresenta Gilgameš como o maior de todos os reis, sendo 2/3 divino e 1/3 humano (a forma de seu corpo foi desenhada por uma deusa) e que se tornou sábio a partir das experiências da vida. Também é narrada a criação de Enkidu, o antagonista que se torna o grande amigo de Gilgameš, pela deusa Aruru, ao moldá-lo na argila e depositá-lo na estepe para viver com os animais selvagens como um homem primitivo, para frear a arrogância e os excessos de poder cometidos por Gilgameš.

A população da cidade de Uruk vivia aterrorizada tanto pelas constantes guerras e pela imposição de Gilgameš de que todas jovens recém-casadas deveriam passar a primeira noite com ele (narrativa que pode ser substituída pela versão de que o rei só queria fazer festa todas as noites).

O processo civilizatório de Enkidu se dá a partir de seu encontro com Šamhat, a cortesã. Ele terá relações sexuais (podendo ser substituída pela versão de “penteou seu cabelo”), depois banhou-se, perfumou-se, vestiu roupas limpas e comeu o pão e bebeu a cerveja oferecidos pelo camponês. É no segundo tablete que acontece o encontro de Enkidu com os pastores.

A cortesã convence Enkidu a viajar para Uruk, onde ele encontra Gilgameš e o impede de gozar o "direito da primeira noite" com a noiva de um dos pastores (podendo ser substituída pela versão de Gilgameš desafia Enkidu para uma luta). Eles entram em combate, sendo assistidos por uma multidão que se aglomera à volta para ver esta luta de titãs. Depois de uma importante lacuna, o texto retoma com a apresentação de Enkidu como grande amigo de Gilgameš.

O terceiro tablete narra os preparativos e a partida da expedição à floresta de cedros para matar Humbaba, seu guardião. Ninsum, a mãe de Gilgameš está preocupada com esta perigosa aventura e pede à Enkidu que o proteja e traga-o de volta são e salvo.

Do quarto tablete subsiste apenas um fragmento que conta o percurso da viagem dividido em seis etapas: três dias de caminhada, intercalados com dias de parada para repouso e alimentação. A cada uma das noites Gilgameš tinha um sonho que, ao amanhecer era decifrado por Enkidu. Também se dá o primeiro encontro com Humbaba

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

e Gilgameš, assustado, pede a ajuda de Enkidu para prosseguir, com uma expressão que ficará conhecida como "a união faz a força".

No quinto tablete é relatada a luta feroz entre Gilgameš e Enkidu contra Humbaba, quando Enkidu mata o guardião da floresta⁴ e Gilgameš leva a sua cabeça para Uruk. Antes de partir eles cortam um cedro portentoso que será levado até Nippur (podemos discutir a questão do desmatamento na Amazônia).

No sexto tablete é descrito o fascínio exercido pela beleza de Gilgameš sobre a deusa Ištar, que ao vê-lo banhado e ornado com os adereços reais, apaixona-se por ele. Ela se insinua e promete poder e glória se ele aceitar desposá-la, mas Gilgameš a renega, lembrando a triste sorte de cada dos seus ex-amantes. (adaptar...)

Ištar se sente ultrajada pela recusa em Gilgameš querer namorá-la e pede a seu pai, o grande Enlil, que envie à terra o Touro Celeste, animal feroz e implacável, para destruir Uruk e, assim, vingar-se de Gilgameš (aqui podemos discutir a questão da violência).

O Touro Celeste é morto pelos heróis Gilgameš e Enkidu que lhe retiram o coração e o oferecem à Šamaš. Ištar veste luto e se lamenta pela morte do Touro Celeste. Enkidu, ao ouvir seu pranto, arranca uma pata do Touro e joga-a no rosto da deusa.

No sétimo tablete é narrado o adoecimento e a morte de Enkidu. Enkidu toma consciência de sua doença e da proximidade de sua morte e amaldiçoa todos àqueles que o tiraram de sua vida selvagem. Ele ainda relata seu sonho, onde habitava o mundo dos mortos.

O oitavo tablete guarda a narrativa dos funerais de Enkidu e a triste lamentação de Gilgameš e seu luto pela morte do amigo.

O nono tablete inicia com Gilgameš chorando o desaparecimento de Enkidu, vagando desesperado na estepe, quando decide ir ao encontro de Utanapištim, o herói do dilúvio que se tornou imortal. Temos o relato desta viagem encantada, habitada por seres mitológicos. Após um longo e difícil caminho, Gilgameš chega à um maravilhoso jardim. (Edem bíblico)

O décimo tablete identifica a taberneira Siduri como a guardiã do jardim e Gilgameš pergunta a ela: “como eu posso evitar a morte?” A taberneira dirá “a ‘vida sem

⁴ A floresta situava-se onde hoje é território do Líbano, cujo símbolo nacional é o cedro. Devido ao desmatamento desde a antiguidade, atualmente existem apenas alguns exemplares desta magnífica árvore, que foi tombado como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO.

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

fim' que tu procuras, tu não a encontrarás jamais!”, mas ela dá conselhos para que Gilgameš tenha uma existência feliz:

Quando os deuses criaram os homens, eles lhes destinaram a morte e reservaram a imortalidade somente para eles! Tu deves encher a barriga; ficar alegre noite e dia; fazer festa cotidianamente; dançar e divertir-te noite e dia; vestir roupas limpas, banhar-te; olhar com ternura a criança que levas pela mão e fazer a felicidade de tua mulher, abraçando-a contra teu peito! Pois esta é a única perspectiva dos homens! (BOTTÉRO, 1992, p. 258. Tradução nossa.)

O décimo-primeiro tablete inicia com o questionamento de Gilgameš sobre imortalidade de Utanapištim e este lhe revela um segredo: a narrativa detalhada do dilúvio e a intervenção do deus Ea para que ele e sua família sobrevivesse. Após a insistência de Gilgameš em também conquistar a imortalidade, Utanapištim diz que para isso ele necessitaria se submeter à uma prova que demonstrasse sua profunda vontade de superar a morte: ele deveria passar seis dias e sete noites sem dormir. Contudo o cansaço o vence e ele adormece. Arrasado, ele se desespera e Utanapištim dá ordem à Uršanabi, o barqueiro, de levá-lo de volta, mas sua esposa, consternada com a aflição de Gilgameš, pede que lhe seja concedido um favor.

Utanapištim desvela o mistério de como ele pode obter a "planta da juventude", mergulhando no fundo do mar. O texto é bastante claro, não é a "vida sem fim", mas somente a "vida prolongada/vitalidade reencontrada". Ele assim o faz e, durante o trajeto de volta, eles param para se repousar e beber água fresca de uma fonte quando uma serpente, atraída pelo odor da planta, rouba-a e desaparece, deixando sua pele velha como vestígio.

Gilgameš então chora e se desespera, tendo como única alternativa voltar para Uruk com as mãos vazias. O tablete termina com a chegada à magnífica cidade que, orgulhosamente, Gilgameš mostra à Uršanabi. Então o barqueiro diz: “a imortalidade que tu tanto procuras Gilgameš está nas coisas boas que fazemos, só assim permaneceremos na memória dos homens”.

O final do XI tablete encerrava a obra, com a repetição dos quatro versos que estavam no início do I tablete, respeitando um procedimento de estilo poético presente na literatura de todo o antigo Oriente Próximo. Contudo houve a inserção de um tablete suplementar, o XII que destoa do conjunto da obra. O motivo e a autoria nos são desconhecidos, ainda que alguns autores defendam a ideia de que foi Sînleqe'unnennî que o redigiu (BOUZON, 1998, p. 149). O XII tablete é a tradução académica do poema sumério

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

conhecido como "Gilgameš, Enkidu e os infernos", onde é relatada a vida no mundo dos mortos.

Na versão ninivita foi adicionado o XII tablete, que apresenta uma outra variante da morte de Enkidu e a visão mesopotâmica do mundo dos mortos. Gilgameš havia deixado cair dois instrumentos musicais no mundo dos mortos e Enkidu resolve entrar lá para buscá-los, apesar dos insistentes conselhos de Gilgameš para não o fazer. Enkidu então é condenado a ficar ali para sempre, como morto. Gilgameš chora e implora aos deuses que libertem seu amigo, mas tudo o que ele obtém é o favor de Ea de liberar Enkidu por um breve momento, quando os dois amigos se reencontram e travam um longo diálogo. Enkidu descreve o horror de ver seu próprio cadáver e o destino de diferentes tipos de personagens no mundo subterrâneo.

Metodologia da Oficina

A questão norteadora da atividade proposta foi o tópico das relações de amizade, com duração de duas aulas de 50 min cada uma. O objetivo geral é discutir a construção de identidades e alteridades e, com isso desconstruir preconceitos. Pretende-se compartilhar o conhecimento da história e da literatura do mundo antigo oriental, enquanto integrantes da história universal e da própria história dos alunos hoje, através da reflexão sobre a amizade.

Os objetivos específicos elencados foram: discutir o valor da amizade no mundo antigo e contemporâneo; identificar as características físicas e psicológicas dos protagonistas; promover a discussão sobre tolerância no mundo atual; reafirmar o valor da oralidade na disseminação da cultura e perceber a relação entre os costumes e a identidade dos personagens e de como isso pode ser enganoso (o que vemos não é o que é). Posso ser diferente na fisionomia (barba, cabelo longo, roupas) e nos costumes (hábitos alimentares - Enkidu é vegetariano) e ter valores éticos e morais melhores que os seus (Gilgameš tem ações de iniquidade em relação às mulheres que revoltam Enkidu).

Os principais conceitos envolvidos na ação foram: História; Mito; Identidade; Amizade; Tolerância e Ética.

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

A descrição das atividades é composta da seguinte maneira:

- Dar uma aula expositiva sobre a história da Mesopotâmia, destacando os aspectos da literatura
- Contar, de forma resumida, a epopeia
- Assistir o desenho animado com os alunos
- Solicitar que eles desenhem a si mesmos (como se veem) e que desenhem um/a amigo/a (como veem o outro)
- Solicitar que eles escrevam três características do/a amigo/a (não necessariamente qualidades!)
- Promover a troca dos desenhos e a apresentação da produção dos alunos em aula.

Para realização da oficina é necessário a disponibilização de material de apoio para os alunos:

A EPOPÉIA DE GILGAMESH

O rei Gilgamesh / recontado e ilustrado por Ludmila Zeman; tradução de Sérgio Capparelli. Porto Alegre: Editora Projeto, 1997.

A vingança de Ishtar / recontado e ilustrado por Ludmila Zeman; tradução de Sérgio Capparelli. Porto Alegre: Editora Projeto, 1996.

A última busca de Gilgamesh / recontado e ilustrado por Ludmila Zeman; tradução de Sérgio Capparelli. Porto Alegre: Editora Projeto, 1999.

Material de Apoio para os Professores:

A EPOPÉIA DE GILGAMESH/ANÔNIMO. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOTTÉRO, J. L'Épopée de Gilgameš - Le grand homme qui ne voulait pas mourir. Paris: Gallimard, 1992.

BOUZON, E. Ensaios Babilônicos. Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia pré-cristã. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PARPOLA, S. Epic of Gilgamesh. Helsinki: University of Helsinki, 1997.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 15 - 24

A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade

Katia Maria Paim Pozzer

POZZER, Katia. A Epopeia de Gilgameš: Amizade e Morte na Mesopotâmia. In: SANTOS, D. (org.) **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 42-53.

Sin-léqi-unníni. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh**. Tradução de J. Brandão. BH: Autêntica, 2018.

Os principais recursos didáticos empregados foram o desenho animado, em português, com uma adaptação da primeira parte da história de Gilgameš da série conhecida como **Lanterna Mágica** - Episódio 56 - Gilgamesh e Enkidu - Desenhos Animados em Português e disponível na plataforma YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=u7FriUCs6ck>, além de papel, giz de cera/canetinhas coloridas/lápis de cor.

Como recursos auxiliares, visando instrumentalizar os professores, podem ser utilizados vídeos e podcast como:

Márcia do Canto conta a Epopeia de Gilgameš:

<https://www.youtube.com/watch?v=FJTXyZz8Jd8>

<https://www.facebook.com/watch/?v=831416374053957>

O Podcast de História Antiga do GEMAM/UFSM. Episódio 7:

A Epopeia de Gilgamesh (Entrevista com Katia Pozzer):

https://www.facebook.com/groups/1587957191470338/permalink/2492026241063424/?comment_id=2492123424387039

Estado da Arte Podcast do Jornal Estado de São Paulo:

O Cânone em Pauta - O Épico de Gilgamesh com POZZER, K. M. P.; BRANDAO, J. L.; REDE, M.

<https://estadodaarte.estadao.com.br/canone-em-pauta-gilgamesh/>

<http://www.ufrgs.br/leao>

Instagram: @leao.ufrgs

<https://ufrgs.academia.edu/KPozzer>

Referências

- A EPOPEIA DE GILGAMESH/ANÔNIMO.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BIENKOWSKI, P.; MILLARD, A. **Dictionary of the Ancient Near East.** London: British Museum Press, 2000.
- BOTTÉRO, J. **L'Épopée de Gilgameš - Le grand homme qui ne voulait pas mourir.** Paris: Gallimard, 1992.
- BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. **Lorsque les dieux faisaient l'homme.** Paris: Éditions Gallimard, 1993.
- BOUZON, E. **Ensaios Babilônicos. Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia pré-cristã.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- COELHO DOS SANTOS, D.V.; CONTADOR, A.L.; CRESCENCIO, A.A. Representações do espaço da cidade na Epopéia de Gilgamesh: a Uruk das grandes muralhas. **Revista Sapiência: sociedades, saberes e práticas educacionais**, Iporá, v.1, n.2, p. 115-129. Disponível em: <<http://www.revsapiencia.ipora.ueg.br/index.php/pris/article/view/110#.UXQqZsrNkS8>>. Acesso em 24/03/13.
- COLLINS, P. **From Egypt to Babylon.** London: The British Museum Press, 2008.
- JOANNÈS, F. (org.). **Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne.** Paris: Robert Laffont, 2001.
- PARPOLA, S. **Epic of Gilgamesh.** Helsinki: University of Helsinki, 1997.
- POZZER, K. A Epopeia de Gilgameš: Amizade e Morte na Mesopotâmia. In: SANTOS, D. (org.) **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo.** Blumenau: Edifurb, 2014, p. 42-53.
- POZZER, K. Emanuel Bouzon: um assiriólogo brasileiro, In: MOERBERCK, G.; FRIZZO, F. **Pesquisadores da Antiguidade: a formação de um campo interdisciplinar no Brasil.** Serra: Milfontes, 2023, v.1, p. 53-72.
- Sin-léqi-unníni. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh.** Tradução de J. Brandão. BH: Autêntica, 2018.

Informações dos autores

Katia Maria Paim Pozzer. Doutora em História.

Contribuição de autoria: autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9408053472324588>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

POZZER, Katia Maria Paim. A mesopotâmia em sala de aula: uma reflexão sobre a amizade. **Perspectivas e Diálogos:** Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 13, 2024, 15-24.